

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

menores e, sobretudo, de geometrismo, melhorada na redacção e renovada no espírito — se adapta efectivamente às necessidades e ao gosto de um escolar do nosso tempo. Um capítulo, todavia, nos parece susceptível de melhor arrumação: o que se ocupa das partículas (pp. 312-317). Na versão actual, é pouco mais que um repertório de dicionário, com a desvantagem, considerável, de não trazer abonações que ilustrem os diferentes empregos. Também o capítulo das preposições (pp. 266-274) poderá ser retocado, para evitar a aparência desalentadora de mostruário lexical: cremos que poucos discordarão do tratamento simultâneo de preposições e preverbios, mas certas precauções gráficas seriam vantajosas, quer neste caso, quer no tocante às diversidades de regência.

A primeira (*Nozioni generali e fonetica*) e segunda (*Morfologia*) partes do livro receberam apenas alterações de pormenor. Nem outras se impunham, realmente, dada a excelente vertebração que a matéria apresentava desde o início. Mas o aspecto gráfico, já muito satisfatório, foi ainda melhorado: é um prazer folhear esta gramática, onde os paradigmas se destacam com nitidez, sem nunca assumirem o aspecto rebarbativo de um cartaz de feira.

Ao aperfeiçoamento do livro, e à sua utilização (que é já uma realidade) por estudantes universitários, muito importaria que o A. se apartasse definitivamente de designações impróprias, embora enraizadas (até na obra de linguistas), como «tenui», «mute», «medie», «spiranti», «gutturali» (nota oportuna a p. 17), «classi» de adjectivos, «temi in -c- con elisione» (tipo *γένος*), «temi in -ωF-» (cf. Chantraine, *Morph.*², p. 72), «aoristo debole o primo», «aoristo forte o secondo», «aoristo terzo» (nota de rejeição a p. 166), «perfetto debole», «perfetto forte»; reparasse que em um ditongo não há duas vogais distintas (p. 12), «liquide» e «vibranti» não são sinónimos (p. 18), alongamento compensatório não é «scambio di quantità» (p. 19), a divisão silábica em latim não se faz exactamente como supõe (p. 31; cf. Niedermann, *Phon.*³, pp. 171-172), a queda do digama não deixa espírito áspero (p. 29), não se pode falar de «alternanza vocalica» em *uolo/juelim* (p. 20) nem em *laudaeram/laudaissem* (p. 136, n. 1), -ν (quer na declinação, quer no verbo) não procede de nasal sonante (pp. 49 n. 4, 139 n. 1; mesmo erro para -νται, -ντο, p. 140 n. 1), os genitivos arcaicos *deum, fabrum, liberum, nummum* não têm *u* longo (p. 139 n. 9), *ξένος* (p. 335) é um hipereolismo (Lejeune, *Phon.*², p. 137 n. 1), etc.; e se abstivesse de um certo número de explicações de *Augenphilologie*, como **ἔπ-δομος* > *ἔβδομος*, **ὄκ-δοος* > *ὄγδοος* (p. 26), *ῥάδιος* «dalla radice *ῥα* - + -ιδιος» (p. 89 n. 5), etc. Há várias coisas inexactas, e até contraditórias, no que se refere ao «cretense-miceneo» (designação infeliz: pp. 3-4); a divisão dialectal grega (pp. 4-5 e 332-333) poderia ser simplificada, de acordo com Chantraine, *Morph.*, p. 21; o alfabeto latino não procede directamente do calcídico de Cumas (p. 11), mas supõe um intermediário etrusco; em (*ἔ*)*κείνός*, **ἔνός* não é «suffisso» (p. 101 n. 2), mas pronome; a explicação de *ἔ-κατόν* (p. 111 n. 2) é discutível, pelo menos na formulação, e falta a de *χίλιοι*; etc.. Um esforço para a eliminação destes defeitos seria bem-vinda, e não duvidamos que Pieraccioni — autor de uma *Morfologia storica della lingua greca* (Firenze, 1966) — o desejará fazer. Já agora, uma última sugestão: porque não arrumar, na declinação, os três casos rectos antes dos dois oblíquos (nominativo, vocativo, acusativo; genitivo, dativo)? As vantagens didácticas e científicas parecem evidentes.

W. S. M.

DINO PIERACCIONI, *Lezioni di greco per il liceo, conformi ai programmi* 25 settembre 1967. Messina-Firenze, Casa Editrice G. d'Anna, 1968, 116 pp.

Limitar o conteúdo sem limitar o alcance era a vantagem que oferecia o título primitivo deste pequeno volume — *Lezioni di sintassi greca* (Messina-Firenze, 1959) —, agora refundido e ampliado em obediência aos novos programas oficiais da escola italiana. A modificação pode ter sido sugerida por razões de oportunidade comercial, mas não foi muito acertada. O livrinho trata exclusivamente de sintaxe; e fá-lo, por outro lado, com a elevação bastante para ser útil ao estudante universitário.

A sua intenção, realmente, é ajudar a «entender a estrutura do grego» (isto é: da sintaxe grega), porquanto — observa o A. no preâmbulo (p. 5) — «giunti alla maturità classica, non c'è un solo candidato che riesca a *interpretare* un facile brano di prosa greca, e dicendo *interpretare* si intende qui la comprensione non del senso generale, ma di ogni espressione e di ogni frase». Verificação desoladora, não há que negá-lo: o porquê estará na impreparação sintáctica, e noutros males mais profundos — o escasso domínio da morfologia, da língua pátria, dos subsídios culturais, a pobreza do gosto literário.

Diz Pieraccioni que «bem pouco de sistemático se encontra neste livro, à parte os índices finais» (ibid.): a afirmação, algo surpreendente para uma obra tão arrumada, pode admitir-se no sentido de que o autor se não preocupou com fazer uma recapitulação geral da sintaxe grega, mas considerou apenas os seus aspectos essenciais. A saber: a frase; o género e o número; o artigo; os casos; o valor adverbial do adjectivo, a expressão do termo da comparação; os pronomes pessoais e os pronomes relativos; a coordenação; o aspecto verbal; os tempos no indicativo e nos outros modos; as vozes; os modos nas proposições independentes; as proposições subordinadas; o infinitivo; o particípio; o discurso indirecto. Experimentemos conferir com o índice, por ex., da *Syntaxe grecque* de Humbert: à parte o estudo de algumas partículas (preposições, elementos de coordenação) — suficientemente importante para merecer, em edições futuras, melhor tratamento —, todos os demais assuntos estão aqui representados. O que não é pequena realização em livro com menos de cem páginas de texto principal.

Na exposição, forçosamente concisa, mas nunca sincopada, abundam os confrontos com o latim e as anotações complementares de morfologia histórica. Os exemplos, bem escolhidos, são tomados dos oradores (Demóstenes, Hiperides, Isócrates, Lísias), dos historiadores (Heródoto, Tucídides, Xenofonte), de Platão, de Luciano, mais raramente de Homero, de Hesíodo, dos Líricos, dos Trágicos e de Aristófanos; e vêm quase sempre traduzidos. Cada capítulo — exceptuam-se os mais breves, referentes a género e número, coordenação e vozes do verbo — é acompanhado de *esercitazioni*, extraídas de textos clássicos (Platão, os Oradores, e Homero dão o maior contributo; mas também ocorrem Luciano, Teofrasto e os Evangelistas), e providas de breve orientação inicial e notas em rodapé que facilitam o trabalho do aluno.

A apresentação, nítida e convidativa, contribuirá certamente para assegurar à obra refundida o êxito que obteve na edição original, várias vezes reimpressa.

W. S. M.

Gaio Albúcio Silo. Saggio introduttivo, testimonianze e frammenti a cura di ANNAMARIA ASSERETO. Genova, Istituto di Filologia Classica e Medioevale dell'Università, 1967, 96 pp.

Gaio Albúcio Silo, o retórico que «fez da própria morte o tema da sua última declamação»¹, figura no *primum tetradeum* de Séneca (*Contr.* 10, praef. 12-13) depois de Pórcio Latrão, Júnio Galião e Arélio Fusco. Nenhuma dúvida sobre a sua probidade e impetuoso gênio, muitas sobre a sua eloquência, que, a despeito de rasgados elogios, nos dizem caudalosa, prolixa e mareada de rudes trivialidades de linguagem. O leitor desejaria algumas luzes sobre o assunto; mas a introdução de Annamaria Assereto é tão esquemática na enumeração dos caracteres estilísticos ou dos elementos da cultura literária e filosófica do autor, tão convencional (ou tão «eclectica») nas suas apreciações que uma orientação crítica não chega a vislumbrar-se. Na bibliografia estão enumeradas muitas obras que teriam oferecido à autora a possibilidade de aprofundar a sua exposição e escrever um bom comentário acerca de cada um dos fragmentos: infelizmente, a maior parte desses livros parece não ter sido aproveitada. Se a *Storia della letteratura latina* de Paratore, que a p. 509 dedica dez linhas a Albúcio Silo, merece as honras de um registo, porque falta então a de Marchesi, que ao mesmo declamador consagra uma página quase inteira, lúcida e impressiva, com anotações?

As insuficiências da introdução não se observam na edição do texto, que foi elaborada com zelo e escrupulo, e se apresenta enriquecida do conspecto dos códices e das siglas, da lista das edições, dos *testimonia de uita et de operibus*. Índices minuciosos encerram o volume: cremos que era dispensável o dos testemunhos, dez ao todo, de quatro autores apenas, e arrumados em seis páginas. Mas, a bem do paralelismo e do aproveitamento do espaço disponível, diremos que, neste caso, *quod abundat non nocet*...

W. S. M.

¹ Palavras de Marchesi, *Storia della letteratura latina*, II, Milano-Messina, 1952, p. 49, onde também se lê: «Può essere apprezzata o derisa, ma è certamente una retorica vissuta questa che sèguita a vivere sulle labbra dei moribondi.»

UGO ENRICO PAOLI, *Vita Romana*. 10.^a edizione. Firenze, Felice Le Monnier, 1968. XXIV-836 pp., 387 gravuras no texto e 16 extra-textos a cores.

Quais as razões do sortilégio permanente deste livro, que — a despeito da concorrência da obra de Carcopino, *La vie quotidienne à Rome à l'apogée de l'Empire* (Paris, 1938), e de outros trabalhos mais recentes de bom nível, como Mattingly, *Roman imperial civilization* (London, 1957), Grant, *The world of Rome* (London, 1960), Grimal, *La civilisation romaine* (Paris, 1960), Bardou, *Il genio latino* (Roma, 1961), Levi, *Roma antica* (Torino, 1963) — chegou em um quarto de século à sua décima edição e conta cinco traduções, todas reimpressas, em espanhol, alemão, holandês, francês e inglês? Cataudella indica, na *Presentazione* (pp. IX-XIV), três motivos principais, que podem resumir-se deste modo: *Vita Romana* caracteriza-se a) pela vitória da dinâmica sobre o estatismo: enquanto os demais autores nos dão, regra geral, uma imagem em diapositivo, Paoli apresenta uma sequência filmada, em que a fantasia («mas uma fantasia que parte da realidade, e na realidade se resolve») preenche os hiatos da documentação específica; b) pela preocupação de indagar os móveis internos da índole de um povo: exemplo egrégio o capítulo *Italum acetum* (pp. 601-623), onde esta tendência para a dicacidade e a zombaria é explicada como efeito de um inveterado espírito de liberdade das gentes, manifesto desde os primeiros tentames da farsa itálica até às formas literárias mais maduras, como tradução natural de uma atitude do dia a dia («Quem há que se salve em cidade tão maldizente como a nossa?» — perguntava Cícero no *Pro Caelio*, 38); c) pela presença assídua do autor na narrativa ou na descrição: em vez do cenho retraído ou absorto do historiador barricado por trás dos seus papéis, o rosto convivente do anfitrião cordial que ciceroniza e vivifica relíquias da própria casa. E é porventura esta saborosa, intrépida toscanidade (*paolinitas* se atreve a chamar-lhe Cataudella) que torna o livro tão grato e estimável: obra de arte e de coração, e não apenas de ciência.

Porque nenhuma hesitação é lícita a este respeito: *Vita Romana* é obra de ciência, amenizada embora pelo espírito de um verdadeiro humanista. O mestre florentino palpitou o cepticismo de algum leitor — «Ma questo mondo, insomma, così come tu me lo presenti, è una obiettiva ricostruzione storica, o te lo sei cavato tu dalla testa?» (p. XVIII) — e resguardou-se com indicar, página por página, as fontes das suas informações. «Chi legge, deve aver l'impressione che l'autore non lavora a vuoto con l'immaginazione, ma elabora un materiale documentario; che, se gli è stato impossibile prescindere dalle sue impressioni personali, è il primo ad esser convinto che questo libro sarebbe il più scellerato e il più dannoso dei libri, se avesse, non dico l'intenzione, ma solo l'aria di un romanzo, e non rientrasse, invece, a modo suo, fra i manuali di antichità romane» (ibid.).

Neste afã de ressuscitar a vida tumulada, a ilustração tem de assumir importante papel: e Paoli sentiu-o desde a primeira edição, melhor diremos, desde os dois livros iniciais — *Lar familiaris* (1929) e *Vrbs* (1942) — que, fundidos e adaptados, vieram a constituir *Vita Romana* na sua versão definitiva (1945). Para tanto, aproveitou largamente dos materiais fornecidos pelas escavações de Pompeios; reproduziu pinturas, esculturas, selos, moedas, objectos de arte ou do uso comum dispersos